

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

conexão Literatura

Maio / 2017

nº 23

**CONFIRA EM CONEXÃO NERD
OS IMORTAIS DO CINEMA**

AUTORA DO LIVRO QUARTO DE DESPEJO
Carolina de Jesus
FAVELADA, CATADORA, ESCRITORA

www.revistaconexaoliteratura.com.br



SUMÁRIO

Editorial: por Ademir Pascale – pág. 03
Conexão Nerd: Os Imortais do Cinema, por Ademir Pascale – pág. 04
Especial: Carolina de Jesus (Capa) – pág. 05
Parceiros da Revista Conexão Literatura – pág. 09
Resenha: Diário de uma escrava, autora Rô Mierling, por Eudes Cruz - pág. 11
Padrim: Patrocine a nossa revista - pág. 15
Crônica: O Gato Mágico, por Rafael Botter - pág. 16
Crônica: Culinária e Escrita, por Misa Ferreira – pág. 20
Livro: O verão em que tudo mudou (Faro Editorial), por Ademir Pascale – pág. 22
Entrevista com Carla Krainer – pág. 28
Entrevista com Fathyma Jaguanharo – pág. 31
Entrevista com Moraes de Carvalho – pág. 34
Entrevista com Sofia Silva – pág. 38
Conto: Procura-se, por Míriam Santiago – pág. 44
Conto: Feliz aniversário, por Helder Felix de Souza Júnior - pág. 48
Conto: Antes que a inspiração acabe, por Amanda Leonardi - pág. 51
Saiba como participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura – pág. 54

EXPEDIENTE

Ademir Pascale
Editor Geral

COLABORAM NESTA EDIÇÃO

Eudes Cruz - Parceiro
(Resenha da pág. 11)

Rafael Botter - Conselheiro Editorial
(Crônica da pág. 16)

Wilson Brancaglioni - Colunista
(Entrevista da pág. 34)

Amanda Leonardi - Conselheira Editorial
(Conto da pág. 51)

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição de Conexão Literatura, acesse: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Veja as vantagens em ser um patrocinador da Revista Conexão Literatura, acesse: www.padrin.com.br/conexaoliteratura

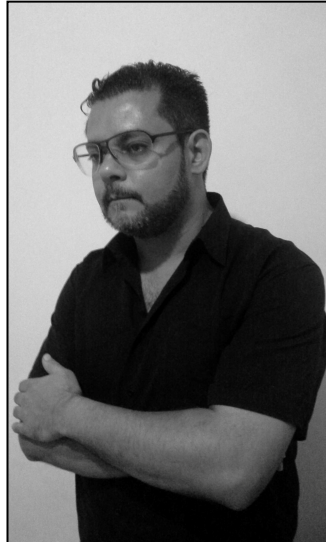


Considero essa edição super especial, pois destacamos nela Carolina de Jesus, uma autora não tão conhecida nos dias atuais, mas que teve um papel muito importante para a literatura nacional. Com uma vida sofrida, rompeu barreiras e chegou a alcançar mais de 40 países. Saiba mais sobre Carolina nas próximas páginas.

Na página de parceiros da revista apresentamos novos sites e blogs que estarão nos apoiando, ajudando-nos a disseminar ainda mais a literatura.

Já na coluna “Conexão Nerd”, fizemos um vídeo especial intitulado “Os Imortais do Cinema”, não deixe de conferir e caso ainda não seja inscrito em nosso canal, inscreva-se.

Os leitores, autores, editoras e lojas agora poderão apoiar as edições da nossa revista e até serem patrocinadores, concorrerem a livros e souvenirs, serem divulgados, etc. Saiba mais sobre o projeto de apadrinhamento que fizemos no site Padrim, [acesse: www.padrim.com.br/conexaoliteratura](http://www.padrim.com.br/conexaoliteratura)



Confira também excelentes entrevistas com autores, dicas de livros, crônicas e contos.

Forte abraço e até a próxima edição ;)

Ademir Pascale

Editor da Revista Conexão Literatura. Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Participou em mais de 40 livros, tendo contos publicados no Brasil, França, Portugal e México. Publicou pela Editora Draco “O Desejo de Lilith” e “Caçadores de Demônios”. Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs, mantém o canal no Youtube “Conexão Nerd”. E-mail: pascale@cranik.com



conexaoliteratura

clique aqui



OS IMORTAIS DO CINEMA: Atores da atualidade, como Eddy Murphy, Keanu Reeves, Orlando Bloom, Sylvester Stallone, Nicolas Cage e Rupert Grint em antigas fotos e pinturas? Seriam eles imortais, viajantes do tempo ou mesmo vampiros? Saiba mais assistindo o vídeo.

ASSISTA O VÍDEO



CAROLINA DE JESUS



Por Ademir Pascale
pascale@cranik.com

(...) em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos.

Carolina de Jesus

Carolina de Jesus (Carolina Maria de Jesus, 1914-1977), está entre as primeiras e mais importantes escritoras negras do Brasil. Com problemas familiares desde a infância, era filha ilegítima e foi maltratada. Com muito sacrifício e apoio da mãe, frequentou a escola até o

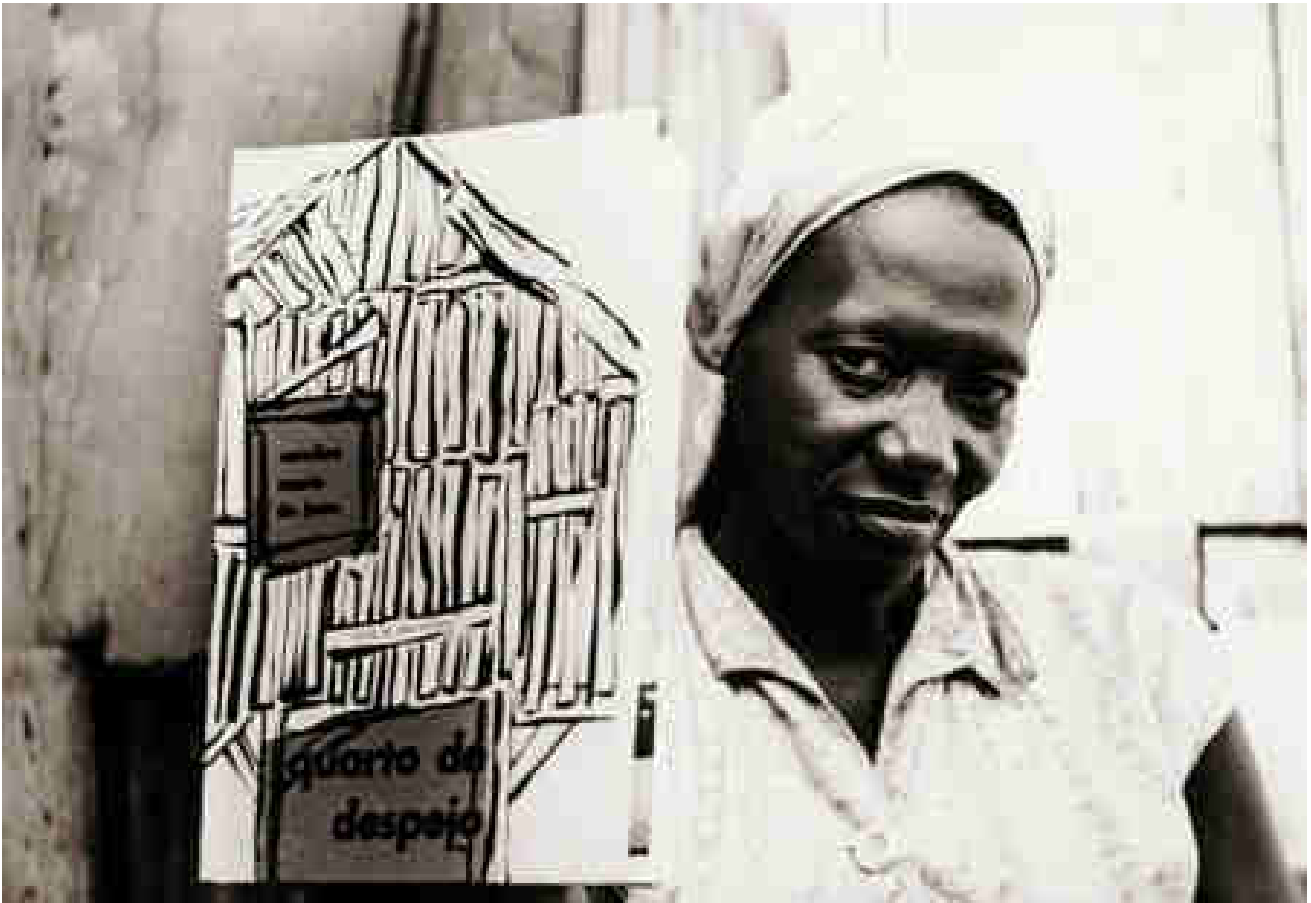
segundo ano, aprendeu a ler e a escrever e foi justamente nessa época que começou a ter gosto pela leitura e escrita. Em seus manuscritos é fácil notar referências religiosas, mas Carolina foi expulsa da Igreja Católica, pois sua mãe tinha dois filhos ilegítimos. Já em sua fase adulta, também não foi readmitida na congregação, mesmo sendo católica devota. Com pouco estudo, foi uma mulher brilhante, sábia e visionária.

Sem dinheiro, Carolina só conseguia ler algo novo quando encontrava um livro ou revista que já tinham sido descartados por outras pessoas. Apaixonada pela leitura passou a escrever sobre o dia-a-dia na favela

onde morava. Desempregada e grávida, isso em 1947, morando na favela do Canindé, em São Paulo, conseguiu emprego na casa de um famoso médico que liberou a leitura de seus livros de sua biblioteca particular, já que notou a paixão da empregada. Depois de ter mais dois filhos, passou a ser catadora de lixo, época em que voltou a registrar o seu cotidiano, somando vinte cadernos, sendo que um deles virou livro, intitulado “Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada”, publicado em 1960. O livro foi um sucesso, tendo rapidamente três edições que somaram 100 mil exemplares vendidos e tradução para 13 idiomas, sendo vendido em mais de 40 países.

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados.





Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade.

Carolina teve o apoio do jornalista Audálio Dantas na publicação do seu livro “Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada”, isso depois dele conhecer seus manuscritos.

Além do seu cotidiano, Carolina descrevia fatos políticos e sociais, reflexões sobre a pobreza que pode

levar uma pessoa boa ao desespero, traindo seus princípios e cometendo atos dos quais jamais pensariam em cometer, diferente da autora que sustentava os filhos com o que encontrava no lixo.

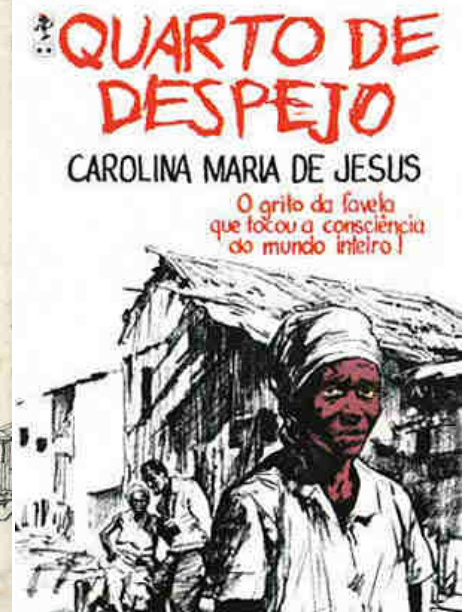
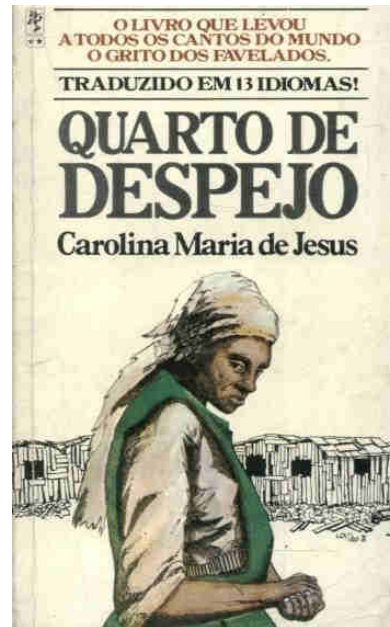
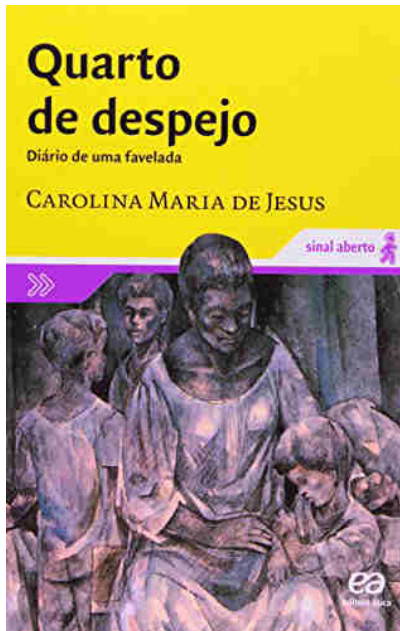
Carolina Maria de Jesus morreu em 13 de fevereiro de 1977, vítima de insuficiência respiratória.

Segundo algumas informações de um site inglês, Carolina vendeu cerca de 30 mil cópias de seu livro em apenas três dias.

A fama e o dinheiro trouxe rapidamente inimidades. Seus vizinhos passaram a hostilizá-la e até jogavam pedras quando ela passava na rua.

Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.

Carolina de Jesus



PARA SABER MAIS:

Em 2014, foi criado o Portal Biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus, mantido por Sergio Barcellos. Além de informações sobre a autora, leitores poderão conferir em detalhes a sua biografia, além de sua história em imagens: <https://www.vidapoescrito.com>

Filha fala sobre a vida e obra da escritora, confira: <https://www.youtube.com/watch?v=qRjDmmWAFEO>

Confira o vídeo "poética da diáspora", elaborado pela FAPESP: <https://www.youtube.com/watch?v=T0ncwWD1C9g>

Seguindo o sucesso do livro "Quarto de Despejo", Carolina Maria de Jesus, grava em 1961 o disco homônimo pela RCA Victor, com composições de sua autoria, acompanhadas pelo Maestro Francisco Moraes nos arranjos e a direção artística de Júlio Nagib. Confira: <https://www.youtube.com/watch?v=t3dzlAr4euo>

— conexão — Literatura

Nossos Parceiros:

clique sobre os links

www.nerdtrip.com.br

www.praxeliteraria.com.br

travelingbetweenpages.blogspot.com.br

literaturaporamor1.blogspot.com.br

dailyofbooks.blogspot.com.br

suka-p.blogspot.com.br

www.fonte-da-leitura.blogspot.com.br

tomoliterario.blogspot.com.br

www.epilogosefinais.com

viajandopelapaginas.blogspot.com.br

leiturudos.wix.com/blog

rosasesangue.blogspot.com

encanto-literario.blogspot.com.br

blogaventuraliteraria.blogspot.com.br

www.sugestoesdelivros.com

literaturaporamor1.blogspot.com.br

prosaescrita.wordpress.com

fiopoetico.blogspot.com.br

topensandoemler.blogspot.com.br

blogjovensescritores.wixsite.com/escritores

www.desfalk.com.br

www.proximaprimavera.com

coleccionandoromances.blogspot.com.br

papirodigital.com

literaleitura2013.blogspot.com

osretratosdamente.blogspot.com

www.estatedowilson.com.br

miriammorganuns.blogspot.com.br

www.livreando.com.br

lsnaufrago.blogspot.com.br

lendocomdaniel.blogspot.com

www.cafeinaliteraria.com.br

sonhandoatravesdepalavras.blogspot.com.br

www.marcelogarbine.com.br

www.salaliteraria.com.br

www.cinderelasliterarias.com

esoportunovagao.blogspot.com.br

www.literagindo.com.br

leiturasdaketellyn.blogspot.com.br

ociclorama.com

contaseumlivro.blogspot.com.br

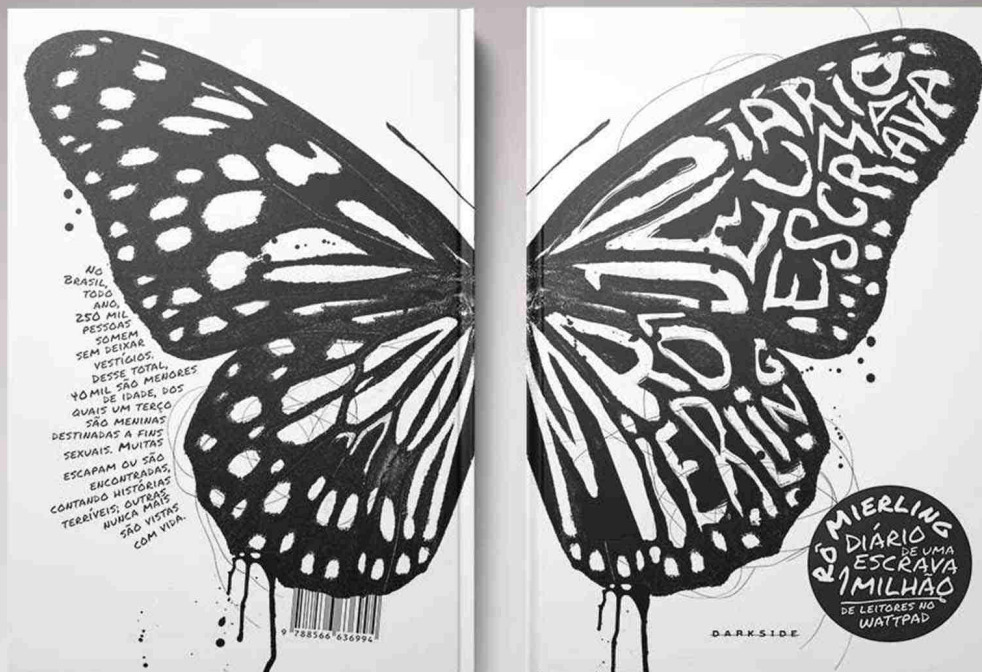
stelivros.wordpress.com



Curta nossa Fanpage:



www.facebook.com/conexaoliteratura



Diário de uma escrava

por Eudes Cruz

“Fala-se muito na crueldade e na bruteza do homem medieval. Mas o homem moderno será melhor?” (Rachel de Queiroz)

É com a frase da grande escritora brasileira que começamos a falar sobre a obra de uma outra escritora brasileira contemporânea, Rô Mierling. O livro em questão é Diário de uma escrava, publicado

pela Editora DarkSide Books em 2016 (224 páginas).

A ficção literária pode entregar ao leitor obras realmente impactantes, que mostram ao leitor um retrato nu e impiedoso da crueldade humana.



Rô Mierling

Se a ficção pode construir e entregar ao leitor obras impactantes, a realidade muitas vezes choca. Ou, podemos dizer, que a realidade chocante pode ser muito bem retratada numa obra avassaladora, que põe a brutalidade humana no cerne da discussão.

Laura está em poder de um homem a quem chama de Ogro e, não, não estamos tratando de um conto de fadas. O homem assim foi apelidado “pela sua grosseria, pelo seu cheio sempre azedo, como de

folhas podres, e pela sua forma animalesca...” Ela fora sequestrada por ele, que é aparentemente comum e “acima de qualquer suspeita”. O homem que tem uma imagem que pode ser tida como algo dentro da normalidade, é o mesmo que a subjuga há mais de quatro anos e, desde então, a mantém em um buraco “cativa, aprisionada, isolada”. Não bastasse o fato de ser privada do convívio social e não ter mais contato com seus parentes e amigos, ela sofre abusos sexuais todos os dias.

Por essa introdução ao livro dá para ter a noção do que o leitor pode aguardar. Esteja preparado. Contundência, cenas realistas, crueldade exacerbada, choque de realidade, descrição precisa. O cotidiano da jovem é de encarar maus-tratos por meio dos atos praticados pelo homem que a tem no cárcere e que comete ações que a maioria das pessoas consideraria incompreensível ou até inconcebível. Mas, Laura, de alguma forma, busca manter-se lúcida, apesar de toda a situação degradante, de tudo a que é submetida e que a vilipendia tanto física quanto psicologicamente. Laura não é a primeira vítima e, possivelmente, não será a última.

Naquele buraco, que fica localizado num lugar que ela desconhece, a jovem usa as paredes e um livro para manter a mente ativa. Um local insalubre, em que suas necessidades fisiológicas tem de ser feitas em um balde, recolhido após dias pelo Ogro. Sua comida é sempre trazida por ele, além de receber alguma medicação quando o homem acha necessário. A jovem vive ali, aterrorizada pelas ações cometidas

contra ela, que revelam em cada gesto, em cada ato, em cada passo, o grau de psicopatia do seu sequestrador.

A brutalidade e a aspereza daquele que ela chama de Ogro causa angústia e sofrimento. Laura, ainda que fragilizada no seu encarceramento, carrega um fio de esperança de que possa safar-se de seu algoz. Na vida é assim. Por vezes nos agarramos a alguma ilusão que desperte em nós o desejo de seguir adiante. É um modo de acreditar no futuro, numa possibilidade que, ainda que longe e remota, talvez seja factível. Para fugir do confinamento ela precisa de oportunidade, que lhe foi negada ao longo dos quatro anos em que está cativa. Oportunidade, em sentido amplo, foi algo que ela não teve nesse período. E, talvez, haja alguma chance.

“Mesmo que não tenhamos mais motivos e forças para continuarmos vivos, ainda assim lutamos pela nossa vida até o último minuto.”

Em meio ao caótico e cruel ambiente e, sentindo sua anulação

como indivíduo, Laura tem força e se demonstra racional em dados momentos. O medo que a apavora é o mesmo que a deixa em estado de alerta. É como se o medo a pegasse pela mão e a levasse até o próximo dia. Mas, Laura, demonstra que sua mente está aprisionada, tanto quanto seu corpo. Algumas ações do Ogro, quando são “mais leves”, levam-na a crer que está sendo poupada e isso dá a ela um pouco do resgate de sua humanidade.

Paira sobre a jovem uma questão existencial: a vida ou a morte? Quem é Laura? Mesmo viva ela talvez esteja morta (sem sua família, sem sua cidade natal, sem sua vida pregressa, sem poder escolher, sem ter as suas vontades satisfeitas, sem construir a realização de seus sonhos, sem poder ser quem ela realmente é, sem encontrar o seu verdadeiro eu).

Laura, em seu cotidiano, está aniquilada pelo aprisionamento e pelos abusos que sofre. Aquele buraco significa “um poço de tortura física e mental”, o distanciamento de seu corpo e de sua alma.

Desde a primeira página somos absorvidos pela história. A realidade, muitas vezes, é mesmo cruel. Ao longo da leitura muitos devem ser os adjetivos que surgem na mente do leitor: provocador, angustiante, apavorante, audacioso, perturbador, violento, aterrorizante, visceral... Mas há que se perceber que o que mais mexe com o leitor é o fato de que tudo aquilo que está no livro pode ser real e, que em algum lugar alguém pode estar passando por situação similar, sofrendo abusos, tortura, tendo sua personalidade anulada, vivendo preso e vendo sua carne e seu psicológico definharem.

“Olhei no espelho e fiquei com medo da pessoa que me olhou de volta. Vi uma criatura seca, com maçãs do rosto encovadas, olhos fundos e sem brilho.

Fios estranhos saíam da cabeça daquela estranha que me encarava de dentro do espelho. Fios sem vida, sem cor. Dentes amarelos e pretos saltavam de sua boca. Lábios rachados. Pele descamada. Em suma, um monstro. Aos poucos, percebi que aquela era eu...”

Publicado inicialmente no Wattpad, plataforma de publicação de livros online, Diário de uma escrava teve mais de um milhão de leituras. O sucesso que fez no ambiente virtual, também se repete no livro físico, que figurou na liderança de livros de mistério de sites de compra virtual, além de ser um dos mais resenhados em outra plataforma disponível para leitores.

A autora construiu uma excelente história baseada em casos reais. Laura é uma composição de várias vítimas que passaram por situações como as que ela vivencia. E tantas outras, desconhecidas, passam ou passaram por situações similares. Em que pese o fato de o livro ser uma obra ficcional é um grito de alerta. Milhares de pessoas desaparecem, muitas são menores e destinadas a fins sexuais. Não é incomum, como se constata nos casos reais, o uso de violência, terror psicológico, tortura e estupro. Laura, a personagem central, viveu a violação de sua individualidade. Tornou-se objeto sexual de um homem que tem uma visão deturpada do sexo e da mulher.

Rô Mierling nos dá uma obra consistente, com uma narrativa profundamente tocante, que leva o leitor a sentir a escuridão, o medo e o sofrimento vivenciados por Laura. Chocante! Necessário, ousado dizer. A constituição da história é feita em primeira pessoa (realizada por Laura em seu diário) e em terceira pessoa (quando apresenta momentos pregressos ou que não fazem parte do diário da garota).

Leitura que prende a atenção e que pode facilmente ser devorada. Causará, de certo, um momento de reflexão e desconforto provocados pelo impacto de algumas passagens (extremamente necessárias), que elucidam e não escondem as violências diversas a que Laura é submetida. A história é dotada de realismo e, por isso, pode causar sentimentos controversos no leitor ao escancarar a realidade tal qual ela é. A autora pesquisou casos reais que levaram à formulação do enredo e da construção dos personagens que dele participam. O desenrolar da trama é surpreendente e o final, numa grande reviravolta, é arrasador.

Para corroborar o realismo presente na obra o leitor tem acesso a informações dos casos reais que inspiraram a escritora, além da bibliografia consultada.

Quando a ficção ultrapassa a barreira do entretenimento e vira

um mecanismo de alerta para a realidade, o livro se torna um instrumento que chama para a reflexão. *Diário de uma escrava* tem o mérito de mostrar que o homem contemporâneo se mantém bruto e cruel, como o homem medieval.

Sobre a autora:

Rô Mierling é gaúcha, escritora, ghost writer e pesquisadora acadêmica há mais de dez anos. Autora de contos, poesias e crônicas, publicou *Contos e Crônicas do Absurdo* e organizou a antologia *Amor e Morte*, entre tantos outros livros.

Ficha Técnica

Título: *Diário de uma escrava*

Escritor: Rô Mierling

Editora: DarkSide Books

Edição: 1ª

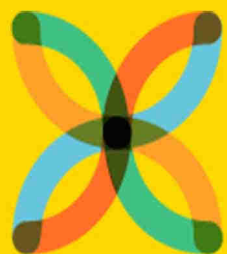
ISBN: 978-85-945-4019-5

Número de Páginas: 224

Ano: 2016

Assunto: Literatura brasileira

Eudes Cruz é gestor de processos e atuou como coordenador de desenvolvimento de produtos. Leitor voraz desde a infância, tem na literatura um refúgio de prazer e conhecimento. É administrador do blog *Tomo Literário* (www.tomoliterario.blogspot.com), criado para compartilhar suas impressões sobre as obras que lê. Vive em São Paulo.



Padrim

COLABORE COM A NOSSA REVISTA E SEJA UM PATROCINADOR

Ajude-nos a disseminar a literatura
e incentivar o hábito da leitura

Autores, editoras e lojas: veja as vantagens
em patrocinar a nossa revista: **Clique aqui**



ENTRE PARA ESSA LISTA:

Faro Editorial
www.faroeditorial.com.br

Míriam Santiago - Escritora
miriammorganuns.blogspot.com.br

Dione M. S. Rosa - Escritora
rosasesangue.blogspot.com.br

Misa Ferreira - Escritora
misaferreirablog.blogspot.com.br

www.revistaconexaoliteratura.com.br



O Gato Mágico

por Rafael Botter

botter.rafael@gmail.com

Se tem uma coisa que amo são os animais de estimação. Já tive cachorro, hamster, papagaio e agora um bichano, seu nome? “A fedido”, mas vou poupar os detalhes do nome um tanto curioso e sim, focar em falar que ele é um gato mágico.

A fedido era pra ter um final trágico, ser devorada por alguns cachorros. Uma moça veio até minha casa para saber se eu poderia cuidar do pequeno gato, não pensei

duas vezes, acolhi o bichano com muito amor e carinho, são três anos ao meu lado, de muitas alegrias e bagunças!

Você deve estar se perguntando o motivo dele ser mágico, simples e de uma forma bem direta, ele aparece e desaparece de um jeito que qualquer mágico ficaria de boca aberta, até mesmo seria impossível o mágico dos mágicos, Mister M tentar desvendar os truques da Fedido.

Por incrível que pareça, já tentei segui-la pra saber onde ela fica entocada e adivinha?

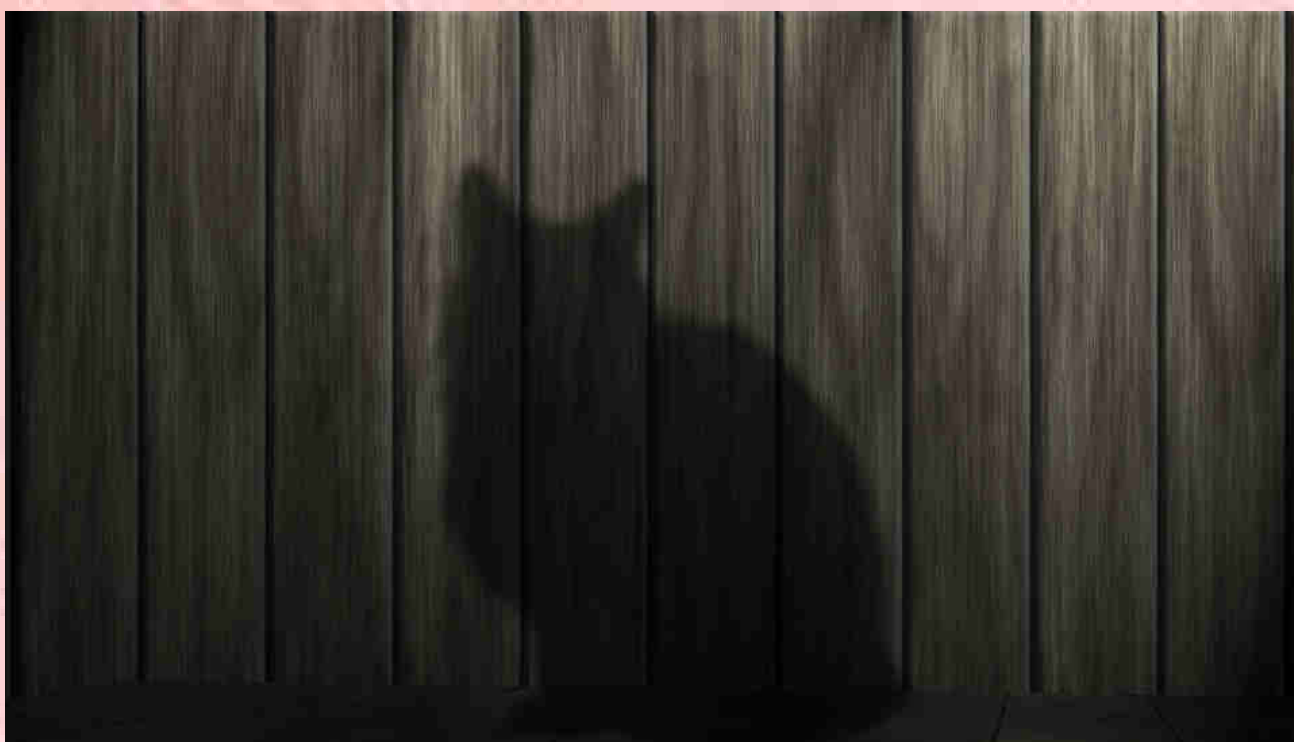
Não consegui! Simplesmente desaparece e reaparece voltando pra casa e comer sua ração e petiscos favoritos. Que bichano vida boa!

Esqueci de mencionar um pequeno detalhe, o gato é preto e já ouvi cada coisa; “dá azar”, “atrai coisa ruim” e blá blá blá. Isso é pura besteira, a fedido nunca me deu azar

e sim muitas alegrias e tênis cagados (faz parte).

Você quer saber o motivo de eu ter colocado o nome da gata de “a fedido” ao invés de “a fedida”? Não perca minha próxima crônica.

Animais de estimação são as melhores companhias para os seres humanos, então não deixe de amar e cuidar desses nossos amigos bichanos ou qualquer outro animal de estimação.



Rafael Botter vive em Ibitinga (São Paulo). Escreve para o blog *Livreando* e participa do Podcast Edição Rápida. E-mail: botter.rafael@gmail.com.

Conheça o blog da autora
Dione M. S. Rosa 

Clique
Aqui!





por Misa Ferreira

Culinária e Escrita

Nunca tive o menor pendor para as coisas de casa. Lembro-me de minha mãe que me chamava atenção para o fato, dizendo: suas irmãs já sabem costurar na máquina, fazem tricô e crochê e você passa ventando pela minha máquina de costura sem a mínima curiosidade. Era verdade, e é verdade. Na cozinha, para ser absolutamente honesta e sincera, o

pouco que sei aprendi com meu marido. Mas não passo de um arroz, uma salada e alguma farofa. Ele é quem cozinha no dia a dia, e curte muito fazer suas receitas. Seu empadão de palmito é imbatível, as empanadas argentinas, hummm, seu pão caseiro, enfim tudo o que faz é saboroso. Quando nos conhecemos, depois de saborear uma comidinha deliciosa que ele

havia feito, prometi que eu faria algo da próxima vez. Minha irmã e eterna cúmplice me ensinou uma receita de lasanha que eu adoro. Memorizei cada passo e lá fui tentar minha façanha culinária. Mas ninguém faz uma comida só de guardar os passos. Meu marido, que ouvia um clássico qualquer enquanto curtíamos um vinho, logo percebeu minha falta de intimidade com a cozinha, a começar por cortar cebolas. Tomou o encargo e eu abri o jogo: não sei nem cortar uma cebola. A verdade liberta. Me senti leve como uma pluma. Fingir que cozinhava foi uma santa mentira de perna curta, mas uma coisa é certa: não seria pelo estômago que eu o conquistaria. E nem precisava. Ele já me amava.

E quando o amor acontece, tudo concorre para o bem daqueles que se amam, até não saber cozinhar. Lembrei-me de novo de minha mãe que contava que uma conhecida dela, recém-casada, não sabia fazer nada de nada de casa. E o marido ficou doente. O médico aconselhou que ele tomasse uma canja de galinha, no tempo em que canja de galinha era remédio. A mulher despediu-se do médico e abriu a boca a chorar porque não tinha a mínima ideia de como fazer a canja. O marido achou graça, a sogra ensinou a nora com o maior prazer, e todos viveram felizes para sempre.

Só que tem uma diferença: a tal mulher tornou-se uma banqueteira famosa, e eu continuo no primeiro estágio. Seu pendor estava apenas adormecido, e eu não fui agraciada com este dom, embora possa cozinhar para não morrer de fome. Dizem que o gosto pela cozinha já é algo nato, a pessoa nasce com ele ou não. Não sei. Considerando que sempre detestei ir ao supermercado, concordo com meu marido quando diz que o supermercado e a feira são os irmãos da cozinha. Há pessoas que tentam cursos de culinária, alguns, em vão, pois sem vocação, sem refeição. Comigo não haveria curso de culinária que desse jeito, só perco para uma prima.

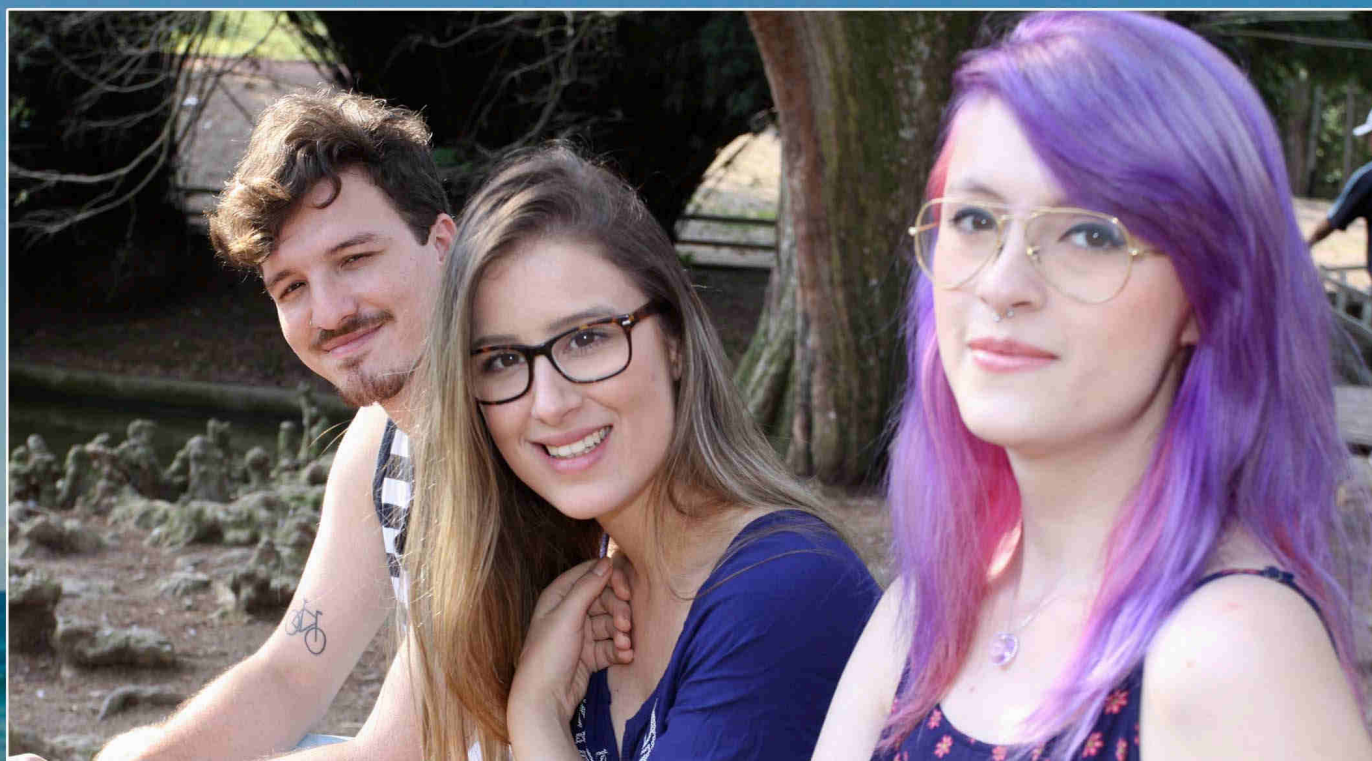
O que sei fazer com muito trabalho é tecer as ideias, costurar os parágrafos, fazer bordado com as palavras, e às vezes até remendá-las. Mas que ninguém veja o avesso porque a primeira feitura é uma feiura, tal como meu ponto de cruz. Ainda tento cerzir significantes e significados e tudo sem máquina de costura. Assim posso dizer que tanto sei costurar como sei cozinhar, por exemplo, faço sopa de letras com salada de acentos e cozido de frases. No final, apresento um prato complexo, pois vivo sempre cercada de interrogações, louca à procura da expressão, como dizia Augusto dos Anjos. Quem trabalha com a

linguagem, trabalha com a alma. Não vou afirmar que tentar dizer o indizível seja mais fácil pra mim do

que cortar uma cebola ou espremer um alho, mas é bem mais gostoso.



Maria Luiza (Misa Ferreira) é bancária aposentada. É formada em Letras e pós-graduada em Literatura. Depois de aposentar-se descobriu o prazer de escrever contos e crônicas. Já escreveu os livros: “Demência, o resgate da ternura” e “Santas mentiras”. No momento está trabalhando para a publicação de um livro infantil já pronto. É articulista de um jornal local. E-mail: misachief@gmail.com.



por Ademir Pascale

O Verão em que Tudo Mudou

Sonhos, aceitação, perda, autodescoberta... um livro escrito a seis mãos que mergulha num assustador ritual de passagem para a vida adulta

Se você perguntar para Fred onde ele se vê daqui há 5 anos, a resposta será o silêncio. Lavínia já não tem certeza se aquele futuro planejado há tanto tempo é a vida que ela quer, se ela ainda é a mesma pessoa. Sol não tem coragem de se abrir para o novo, mas ela sabe que não pode viver do mesmo jeito para sempre... afinal em que momento a gente precisa descobrir qual o caminho seguir? Bom, nesse verão todos eles vão descobrir.

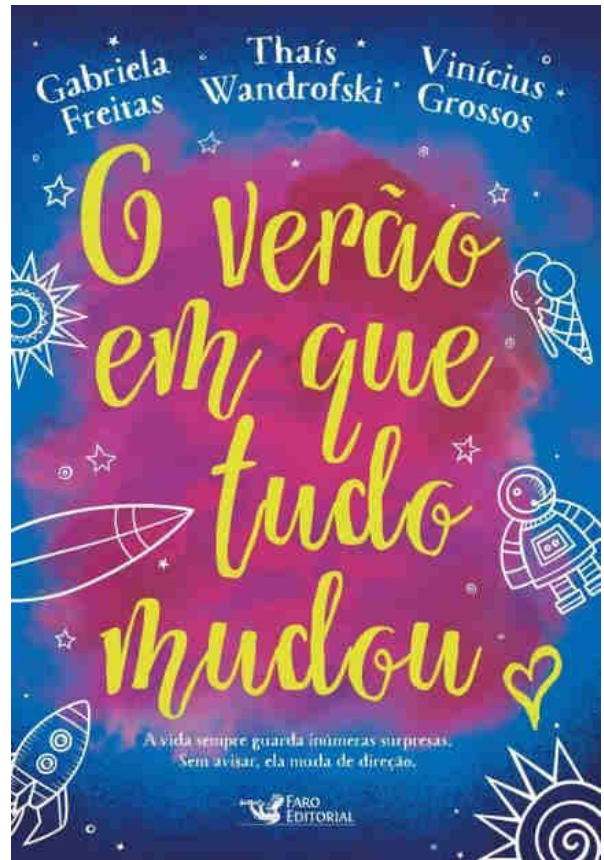
A Faro Editorial lançou em abril o livro de “O verão em que tudo mudou” do escritor Vinicius Grossos – autor de outros dois livros - em coautoria com a blogueira Gabriela Freitas, do blog Nova Perspectiva

(www.novaperspectiva.com), e a youtuber Thaís Wandrofski do canal que leva o seu nome (www.youtube.com/user/ThaisWandrofski/videos).

Três jovens, de cidades distantes, com diferentes realidades, descobrindo o mundo a partir de suas próprias escolhas. Três histórias que se cruzam, no exato momento em que se coloca, diante de cada um, a exigência de definir como será o resto de suas vidas. Os autores mesclaram experiências pessoais com a ficção, e deram voz à dúvidas e inseguranças para trazer à tona aquilo que mexe com a cabeça de todo jovem adulto, tendo como cenário os meses de verão.

A cada página, uma nova descoberta; a cada capítulo, algo novo que se apresenta sobre a vida e seus próprios chamados e

uma playlist – porque a vida sem música é ainda mais sem sentido –, e uma única certeza, a de que nessa vida, nada é definitivo, não há como se ter controle e, tudo muda e se renova, assim como as estações.



Em entrevista, os autores Vinícius Grossos e Thaís Wandrofski comentam sobre o livro:

ENTREVISTA COM VINÍCIUS GROSSOS:

Conexão Literatura: Você é autor de outros dois livros, mas agora em coautoria com a blogueira Gabriela Freitas e a youtuber Thaís Wandrofski, lança "O verão em que

tudo mudou". Fale mais sobre o livro e de como é escrever uma obra com mais dois autores.

Vinicius Grossos: Foi mais uma experiência muito enriquecedora que eu levo na bagagem. Eu adoro essa troca com outros escritores;

troca de conhecimento, de ideia, de sentimentos. Eu sempre acabo aprendendo mais um pouco e doando de mim também.

Conexão Literatura: Quais suas expectativas em relação ao livro "O verão em que tudo mudou"?

Vinicius Grossos: A expectativa é de que, assim como meus outros livros, essa história encontre lugar no coração dos leitores e que eles consigam se perceber na história – se identificar com um drama, um pensamento, uma situação.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do livro do qual você acha especial?

Vinicius Grossos: Toda pessoa carrega um infinito dentro de si.

E quando infinitos se encontram, coisas maravilhosas acontecem.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Vinicius Grossos: Eu sempre estou com outros projetos em mente... Um já está bem delineado... E há

outra história começando a ganhar espaço.

Conexão literatura: Como os leitores poderão saber ainda mais sobre você e suas obras?

Vinicius Grossos: Através das minhas redes sociais. Todas elas são 'Vinicius Grossos'.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Vinicius Grossos: Gostaria de agradecer o carinho com meus livros e dizer que é por causa dos leitores que me esforço diariamente para entregar o meu coração em cada história.

ENTREVISTA COM THAÍS WANDROFSKI:

Conexão Literatura: Youtuber do canal Thaís Wandrofski (<https://www.youtube.com/user/ThaisWandrofski>), você escreveu em coautoria com Vinicius Grossos e a blogueira Gabriela Freitas, o livro "O verão em que tudo mudou". Fale pra gente como foi escrever o livro em coautoria.

Thaís Wandrofski: Essa foi uma experiência muito importante pra mim... Poder contar com a companhia e com o apoio da Gabi e do Vinicius durante o processo de escrita do meu primeiro livro me deixou muito mais confiante e confortável.

Conexão Literatura: Quais suas expectativas em relação ao livro "O verão em que tudo mudou"?

Thaís Wandrofski: Seria incrível sentir que O Verão Em Que Tudo Mudou tocou positivamente a vida de alguém. Espero que os leitores consigam pegar o melhor das nossas histórias e que isso faça bem a elas.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do livro do qual você acha especial?

Thaís Wandrofski: Acho que na minha história um dos maiores destaques é a mensagem de mudança, de renovação, então gosto

muito da frase “Parece que quando você se abre para a vida, a vida se abre para você.”

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Thaís Wandrofski: Nada confirmado ainda, mas as ideias já estão a mil! Hahah

Conexão literatura: Como os leitores poderão saber ainda mais sobre você?

Thaís Wandrofski: Eu estou por ai na Internet... Pesquisando por Thaís Wandrofski vocês encontram meu instagram, Facebook, Twitter e canal no YouTube.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Thaís Wandrofski: Espero muito que todos vocês curtam O Verão Em Que Tudo Mudou, e lembrem-se: Sorriam para a vida e ela lhes retribuirá!

Ficha Técnica

Título: O verão em que tudo mudou - **Nº de págs:** 304 (Miolo em duas cores, ilustrado) - **Preço:** R\$44,90

Para saber mais, acesse: <http://faroeditorial.com.br>

Crossroads

Quando os destinos se cruzam



Livro
completo
disponível no
Wattpad
clique aqui

A. Pascale

CARLA KRAINER



“Fiz uma viagem à Turquia no ano de 2013, junto de três amigas. Me apaixonei pelo país e em especial por Istambul. Quando retornei ao Brasil, decidi escrever sobre essa jornada na Turquia e assim nasceu o romance Júlia.”

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Carla Krainer: Fiz uma viagem à Turquia no ano de 2013, junto de

três amigas. Me apaixonei pelo país e em especial por Istambul. Quando retornei ao Brasil, decidi escrever sobre essa jornada na Turquia e assim nasceu o romance Júlia.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Júlia". Poderia comentar?

Carla Krainer: A maior parte do romance se passa na Turquia.

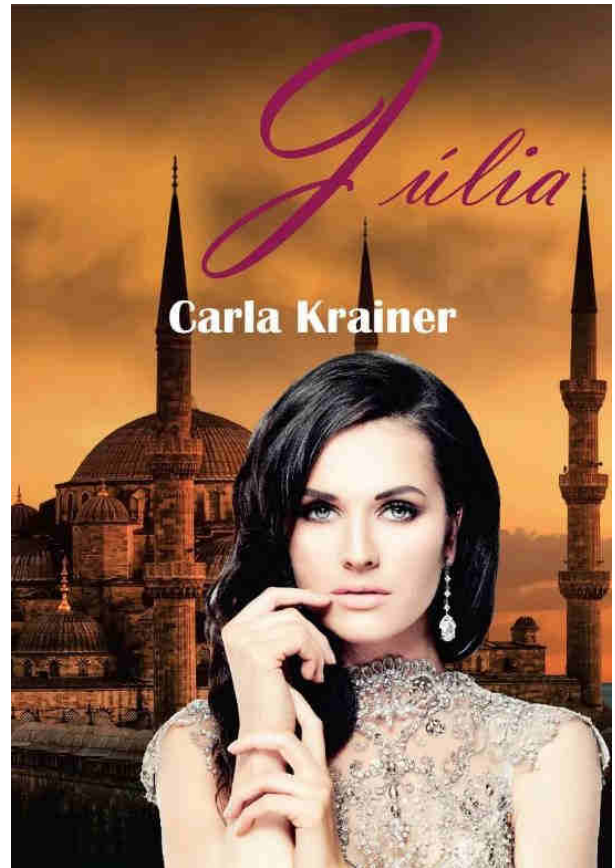
Em um cenário contemporâneo, o livro narra a história de quatro amigas em uma viagem à mística Turquia. Elas se enveredam por lugares magníficos e instigantes.

Um romance eclode, a heroína Júlia, uma brasileira deveras independente se apaixona por Murad, um empresário turco, muçulmano não praticante.

Assim a legendária Constantinopla, hoje Istambul, cidade cheia de magnetismo e nostalgia, torna-se palco desse rico romance, cabendo ao leitor a deliciosa tarefa de seguir a heroína por ruas tortuosas e bazares efervescentes.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Carla Krainer: Primeiramente as pesquisas foram feitas através da internet, logo depois consegui dados mais apurados no CCBT, Centro Cultural Brasil Turquia, sediado em São Paulo. Trabalhei em Júlia dois anos.



Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial no seu livro?

Carla Krainer: “Conforme eu conversava com Murad, observava a paisagem da cidade, que deslizava a minha frente, através da janela de seu carro. O mar de Marmara impassível como sempre, os impetuosos minaretes de Sultanahmet. As duas mesquitas, Santa Sofia e a Azul, impunham sua presença imponente à penumbra da cidade e o Topkapi, tentava evocar aos cidadãos de Istambul, que o

império otomano fora um dia eterno.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Carla Krainer: Na loja Mercado Livre, na livraria Cultura e em breve na na loja Amazon. Página da autora no Facebook: Carla Krainer

Clique sobre a imagem para ampliar
Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Carla Krainer: Sim, devo lançar em junho desse ano a continuação do

romance Júlia. Mas, não se trata de uma duologia, pois um livro não depende do outro.

Perguntas rápidas:

Um livro: Paula de Isabel Allende

Um (a) autor (a): Jojo Moyes

Um ator ou atriz: Marcelo Mastroiani.

Um filme: Bolero de Claude Lelouch

Um dia especial: sábado

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Carla Krainer: Sim a partir da semana que vem o livro também poderá ser encontrado na Amazon.

Para adquirir o livro, acesse: http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-819749142-julia-carla-krainer-_JM

FATHYMA JAGUANHARO

“Cárcere de Sonhos” é um livro de contos que envolve vários cenários e personagens, realçando a interpretação da realidade e os sonhos “engaiolados”, que por alguma razão torna-se atingível ou inacessível.”

ENTREVISTA:

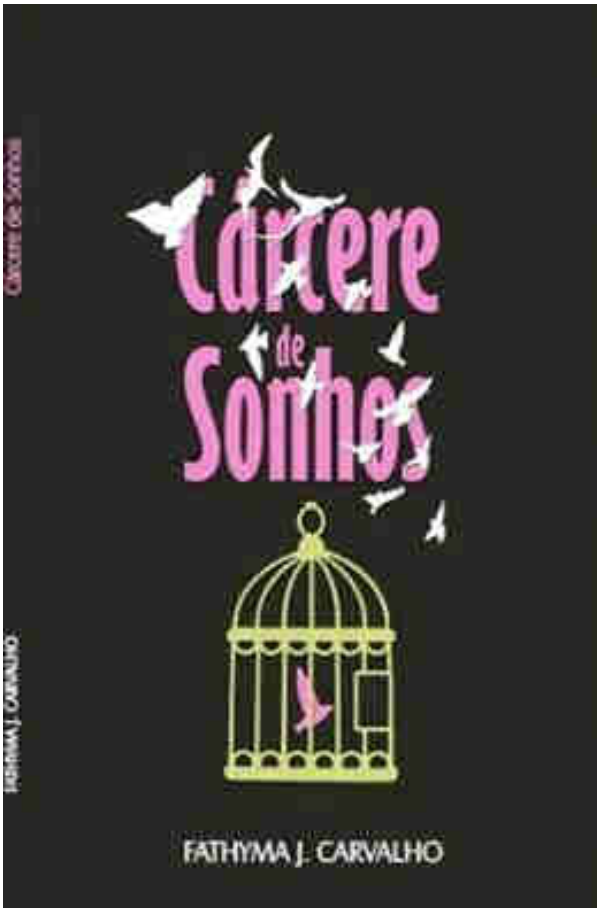
Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Fathyma Jaguanharo: Como professora de Língua Portuguesa, que envolve literatura e produção textual, apaixonei-me por movimentos literários e culturais. A partir de 2010, comecei a frequentar esses eventos e compartilhar com amigos ligados à arte literária que me incentivaram.



Conexão Literatura: Você é autora de vários livros, entre eles "Cárcere de Sonhos". Poderia comentar?

Fathyma Jaguanharo: “Cárcere de Sonhos” é um livro de contos que envolve vários cenários e personagens, realçando a interpretação da realidade e os sonhos “engaiolados”, que por alguma razão torna-se atingível ou inacessível.



Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Fathyma Jaguanharo: Não foram pesquisas, mas observações das atitudes e comportamento humano. Eu já havia me inspirado em algumas situações e, durante seis meses fui escrevendo até que resolvi publicar.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Fathyma Jaguanharo: “Os sonhos não morrem, apenas adormecem e permanecem presos num cárcere, até quando, apenas quem acredita nele e não tem medo de libertá-lo”.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Fathyma Jaguanharo: O livro está disponível na AR Publisher Editora, porém, tenho exemplares comigo. Os leitores poderão entrar em contato através do Facebook - @Fathyma J. Carvalho, e do correio eletrônico: fatima.jaguanharo@gmail.com.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Fathyma Jaguanharo: Sim. Sempre surgem ideias e novos projetos. Está em fase de conclusão o próximo livro, baseado em pesquisas “A Educação na Era da Globalização”, voltado para área de Pedagogia.

Perguntas rápidas:

Um livro: (recente) Como eu era antes de você

Um (a) autor (a): Jojo Moyes

Um ator ou atriz: Denzel Washington

Um filme: (recente) A Cabana

Um dia especial: Todos.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Fathyma Jaguanharo: Os escritores brasileiros atuais, infelizmente, não são valorizados ou reconhecidos

como tal; escrevem por paixão à literatura. Saber que seu livro foi lido por algum leitor é a maior gratificação. Os escritores iniciantes precisam driblar a lógica do mercado editorial e buscar o público, porque o mercado literário brasileiro pende para a divulgação de apenas uns poucos nomes já conhecidos, não havendo espaço para novos escritores, desconhecidos ou diferentes. Agradeço à Revista Conexão Literatura pela oportunidade.

MORAIS DE CARVALHO

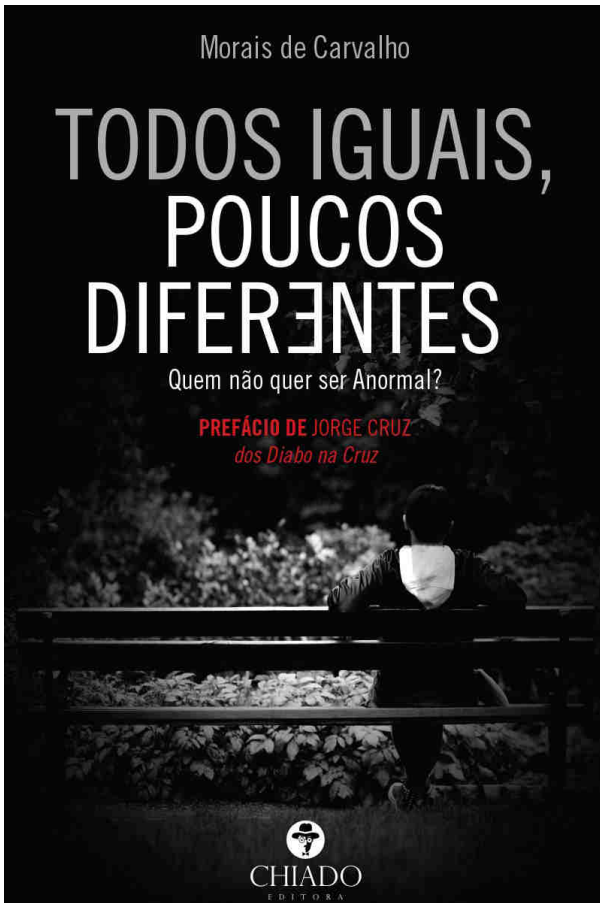


“É difícil fazer com que alguém compreenda os nossos sentimentos e quão profundos eles são. Assim, a escrita é muitas vezes a única forma que eu encontro para expressar os meus pensamentos e angústias acerca do mundo em que vivemos.”

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Morais de Carvalho: É difícil fazer com que alguém compreenda os nossos sentimentos e quão



profundos eles são. Assim, a escrita é muitas vezes a única forma que eu encontro para expressar os meus pensamentos e angústias acerca do mundo em que vivemos.

Comecei por escrever alguns textos que guardei só para mim. Mais tarde participei no Campeonato Nacional de Escrita Criativa e fiquei em segundo lugar.

Experimentei também publicar alguns textos no meu blog, mas faltava algo. No ano passado dei por mim a atravessar momentos de grande reflexão.

O mundo à minha volta parece-me tão louco, mas percebi que para o mundo eu é que não era normal. Então comecei a escrever o "Todos Iguais, Poucos Diferentes" com o simples objetivo de fazer as pessoas pensar. Parece simples, mas não é! Comecei então a escrever durante a minha hora de almoço e o livro começou a ganhar forma... Aquelas palavras são uma extensão de mim mesma e digamos que sinto um pouco de alívio quando as pessoas me abordam e mandam mensagens, incrédulas por se identificarem com a personagem principal do livro.

Conexão Literatura: Certamente você leu vários livros, qual livro foi mais importante para você?

Morais de Carvalho: "Ensaio Sobre a Cegueira" de José Saramago.

Os verdadeiros valores humanos completamente despidos, em vez de disfarçados como no nosso dia-a-dia.

Conexão Literatura: Qual a importância da literatura em sua vida?

Morais de Carvalho: O mais importante da literatura é fazer sentir. Sentimentos verdadeiros, genuínos, desprovidos de falsos interesses ou nascidos da pressão social na qual vivemos.

Enquanto escrevo não tenho que fingir gostar do patrão ou que não me apercebi dos olhares inquisidores de determinadas pessoas. Enquanto escrevo sou livre. E isto diz tudo acerca da importância da literatura na minha vida: dá-me liberdade.

Conexão Literatura: O que é que realmente a motivou a escrever "Todos Iguais, Poucos Diferentes"?

Morais de Carvalho: Estar cansada. Estou cansada deste mundo e da inércia comum a quase todos os seres humanos. Estou cansada deste sistema que toda a gente parece não ver, mas que nos suga o tempo e a vontade. Estou cansada de que a minha vida me escorregue por entre os dedos e que a sociedade não me dê a mínima hipótese de a agarrar.

Conexão Literatura: O personagem central do livro "Todos Iguais, Poucos Diferentes" é louco ou nós

é que somos os loucos por pertencer à sociedade moderna?

Morais de Carvalho: Nós é que somos os loucos, não tenho qualquer dúvida acerca disso. Também sou da opinião de que a nossa cegueira é tão grande que se quisermos sair desta linha reta que todos percorremos, se quisermos abrir os olhos e ver pela primeira vez, entramos num ponto sem retorno onde a loucura será certa. Não sei para onde a nossa sociedade caminhará, mas sei até onde caminhou, e tenho a certeza absoluta de que escolhemos a direção errada. É melhor nem continuar a minha resposta, porque já estou a sentir a angústia a chegar. Se quiserem pensar, se quiserem abrir os olhos e ver, leiam o "Todos Iguais, Poucos Diferentes".

Conexão Literatura: Como os leitores poderão saber mais sobre você e o seu livro? Qual a rede social mais fácil para te seguir?

Morais de Carvalho: Gosto muito que os leitores me mandem mensagens: quer acerca do livro ou dando a sua opinião sobre o nosso

mundo, sobre a actualidade. Se quiserem adquirir uma obra autografada a maneira mais fácil é através do facebook: <https://www.facebook.com/moraisdecarvalhoescritora>

Respondo também a todos os emails que enviarem para: dianaisabeldecarvalho@gmail.com

Convido ainda os leitores a dar uma espreitadela no meu blog: moraisdecarvalho.blogspot.com

Conexão Literatura: Existem novos livros em pauta?

Morais de Carvalho: Esta pergunta é difícil de responder! Não gosto de falar sobre os meus projetos enquanto não passam disso mesmo, projetos, porque muita coisa pode mudar. Posso começar a escrever um livro sobre ficção científica e acabar por lançar uma obra sobre gatos. Sempre tendo o telhado de vidro da nossa sociedade como plano de fundo. Mais não digo.

Perguntas rápidas:

Um livro: Ensaio Sobre a Cegueira

Um (a) autor (a): José Saramago

Um filme: Forrest Gump

Um dia especial: 22 de Agosto (o dia em que a Roma - a minha gatinha - entrou pela primeira vez em minha casa)

Um desejo: Parem! Agora, Acordem!

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Morais de Carvalho: Quero agradecer esta oportunidade de me poder expressar para vocês. O público brasileiro é aberto, sentimental e comunicativo e eu adoro estas características. Obrigada!

SOFIA SILVA



“Sempre estive muito ligada ao mundo literário enquanto leitora e a partir de 2010 resenhava livros em inglês no Goodreads, blogs e grupos de literatura inglesa. Em Dezembro de 2014 comecei a escrever numa plataforma online grátis, Wattpad, influenciada por algumas amigas, mas sem expectativas. Era apenas um hobby, uma descontração apaziguadora.”

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Sofia Silva: Sempre estive muito ligada ao mundo literário enquanto

leitora e a partir de 2010 resenhava livros em inglês no Goodreads, blogs e grupos de literatura inglesa. Em Dezembro de 2014 comecei a escrever numa plataforma online grátis, Wattpad, influenciada por algumas amigas, mas sem expectativas. Era apenas um hobby,

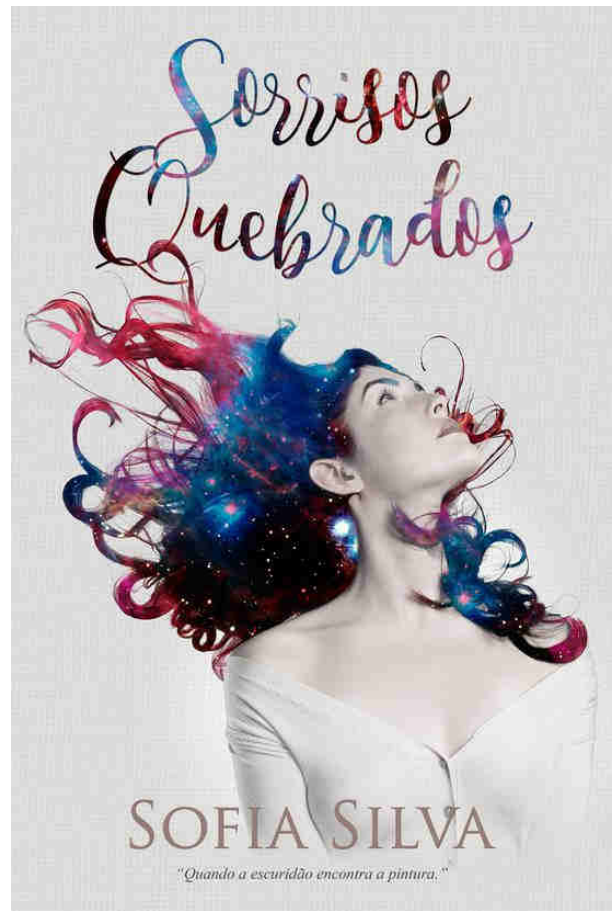
uma descontração apaziguadora. Na plataforma iniciei uma série que aborda pessoas que sofreram grandes acontecimentos que as marcaram física e psicologicamente, intitulada, Quebrados.

Em dois anos escrevi três romances únicos, mas com interligação entre as personagens e o meu público cresceu juntamente com as histórias, sendo 95% constituído por leitoras brasileiras.

Precisamente dois anos depois, e a pedido delas, decidi dar o salto para amazon e publicar um dos romances da série: SORRISOS QUEBRADOS.

Conexão Literatura: Você é autora da obra "Sorrisos Quebrados", que esteve no topo das vendas da Amazon e que foi super bem avaliada, sendo que depois de apenas três meses fechou contrato com a editora Valentina. Poderia comentar?

Sofia Silva: Sorrisos Quebrados aborda a violência doméstica, a quebra dos padrões de beleza nos romances e traz um amor puro, de alma. Um amor que vê todos os lados da pessoa e aceita-a como ela



é. Nesse sentido acredito que as leitoras sentiram afinidade com as personagens. A Paola, André e Sol são reais, humanos, perfeitos devido a todas essas imperfeições que todos temos e acredito que esse foi um dos motivos para a história ser tão lindamente acarinhada pelo público. Nós podemos ler vários gêneros de livros, mas, por vezes, ver pessoas “comuns” a encontrar a felicidade merecida acalenta o coração e traz esperança. Mostra que neste mundo cinzento ainda existem pessoas que não se acomodam e tentam pintá-lo em

cores vivas. E estamos tão necessitados de cor depois de vermos tudo que está a acontecer com mundo. Vivemos numa fase triste da humanidade onde ainda acreditamos que a violência é resposta.

O facto de o livro ser escrito de forma poetizada, ter uma carga metafórica grande e ilustrações ajudou o leitor nessas sensações. O leitor é o ser mais generoso quando lê sobre emoções, pois tem que entregar as suas para sentir o mesmo que as personagens e todas as que leram a obra, independentemente se gostaram ou não, deram naquelas linhas as suas emoções para dar vida às personagens.

O contrato com a Editora Valentina é, em grande parte, consequência dos pedidos das leitoras do Brasil. Elas fizeram imensas campanhas de publicação. São, na minha opinião, das leitoras apaixonadas e solidárias que um autor pode ter. Para uma editora isso é relevante: o amor. Daí o contrato ser quase todo ele fruto dessa relação das leitoras com a obra.

Conexão Literatura: Fale mais sobre a série “Quebrados” e sobre a sua expectativa de lançamento aqui no Brasil.

Sofia Silva: A série será constituída por quatro livros únicos. Cada um é um casal diferente e um problema singular. Em SORRISOS QUEBRADOS, abordo o Trauma. Como ele marca as pessoas para sempre. No segundo volume, com personagens completamente novas, intitulado CORAÇÕES QUEBRADOS, o tema central é a Depressão. Na altura da sua escrita no wappad, não estando mais disponível, foi o meu livro mais lido, com quase 1 milhão de leituras.

Todos as obras focam problemas escondidos na sociedade, enlaçadas por romance que aquece a alma e faz o coração palpitar, pois sou uma romântica incurável.

Sobre expectativas. Tenho muitas e nenhuma. Por coincidência ontem assisti a uma entrevista de um ator brasileiro – Rodrigo Santoro – aqui em Portugal e ele disse algo que me marcou: "Quanto mais a gente cria expectativa menos a gente desfruta da experiência"

Então eu decidi acreditar que o público que leu em ebook e acompanha a minha escrita vai adquirir o livro. O público novo é uma incógnita que não me vou focar porque não sei o que poderá acontecer.

A única certeza que tenho é que as minhas leitoras e todas que leram SQ vão divulgar pois sempre fizeram isso.

Se o novo público vai amar como elas não sei, então só desejo que sim.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Sofia Silva: Existem quatro que são os mais partilhados pelas leitoras e que representam sucintamente a ideia da história.

“– Paola, a beleza é efêmera, mas quem somos no nosso interior é eterno.”

“– Às vezes precisamos olhar para as pessoas com os nossos corações e não com os olhos, pois só assim nós vemos quem realmente são.”

“Um dia me fecharam num frasco com receio que eu pintasse o mundo.

– E o que você fez?

– pinte o meu mundo no frasco.”

“Eu acredito que sou um quadro abandonado por alguém que nunca desejou ser pintor. Alguém me pegou quando era uma tela branca e em vez de me pintar com a suavidade dos pincéis, me rasgou com o lado pontiagudo. Perfurou vezes sem conta até eu ter um buraco grande onde deveria estar uma pintura.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre o lançamento, você e o seu trabalho literário?

Sofia Silva: Sorrisos Quebrados será publicado pela Editora Valentina na Bienal do Livro do Rio de Janeiro em físico, onde estarei presente para sessões de autógrafos. Igualmente farei uma sessão em São Paulo.

O livro estará para venda nas maiores lojas do vosso país, assim como na Amazon em e-book e

físico. Neste momento a versão em e-book feita por mim ainda está disponível na Amazon para compra.

Conexão Literatura: Além do lançamento no Brasil, existem novos projetos em pauta?

Sofia Silva: Sim. Além da série Quebrados pela Editora Valentina, publicarei na Amazon no mês de Maio o e-book intitulado "Fica Comigo", que é uma espécie de presente para as minhas leitoras por todo o carinho recebido.

Fica Comigo é a história de uma família e as suas relações amorosas. Do mesmo modo, no final do ano espero lançar um projeto secreto também de forma independente pois gostei da experiência na Amazon.

Perguntas rápidas:

Um livro: Sozinhos na Ilha, Tracey Garvis-Graves

Um (a) autor (a): Amy Harmon

Um ator ou atriz: Christian Bale

Um filme: Edward Scissorhands

Um dia especial: O dia do lançamento de SQ na Amazon – 6 de dezembro – tem um carinho diferente porque muita coisa mudou.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Sofia Silva: Agradecer a atenção da Conexão Literatura e desejar que quem ainda não conhece as minhas obras se deixe atrair para um mundo de emoções, sabendo que no final tudo termina com o único sentimento que não sabemos definir na sua essência: Amor.



LEITURA CRÍTICA E REVISÃO DE TEXTOS

**Leitura crítica de romances, contos, crônicas e textos diversos;
Revisão ortográfica, seguindo as novas regras da língua portuguesa;
Eliminação na repetição de palavras desnecessárias;
Orientação textual.**

www.cranik.com/revisaodetextos.html

E foi entre estações indo e vindo de Lucca para Firenze que eu a vi sentada em um banco na Firenze Campo di Marte. Quando o trem parou fiquei observando-a da janela e aquele rosto triste e solitário em meio a tantas pessoas que caminhavam apressadamente para embarcar, me chamou a atenção.

E digo mais a vocês, meus queridos leitores, ela não tinha nada de excepcional, vestia uma calça justa preta, um sapato também negro baixo e uma camisa branca. De cabelos louros à nuca, o rostinho triste me deixou perplexo e me perguntar se alguma coisa não ia bem com a vida dela, que nem por um piscar de olhos ousou levantar o olhar fixo do chão. E foi essa a impressão que tive daquela garota, sem ao menos saber quem era. E lentamente o trem foi deixando a estação. Eu com o rosto grudado ao vidro da janela, ainda pude ver, mesmo com os últimos raios de sol

que batiam em meus olhos, que ela permaneceu na mesma posição.

O trem tomou prumo e em seu balanço seguimos para a próxima estação. Meu coração e meu pensamento, contudo, inquietos só tinham uma coisa em mente, a imagem da moça desconhecida, e eu me questionava quem seria ela.

Ao anunciar que chegávamos à Santa Maria Novella, nome da estação ferroviária de Firenze, senti um vazio em meu coração, e assim descii em meu destino, era mais um em meio a tantas malas e pessoas que subiam e desciam dos trens e caminhei lentamente apenas com uma pasta me esquivando da fumaça mal cheirosa dos cigarros. E a estação foi ficando para trás, atravesssei a rua e vi que o Burger King estava lotado e passei reto, comeria mais tarde e parti direto ao hotel, próximo à estação.

Em férias na Itália, escolhi Firenze por ser uma cidade

ricamente cultural e histórica, mas foi em Lucca ao visitar o Puccini Museum que resolvi fazer um curso rápido sobre o grande compositor, então, por três dias pegaria o trem para lá, às 12 horas.

Sentei-me no mesmo lugar do dia anterior, rosto colocado à janela e o coração saltando à boca, pois o trem começara a diminuir ao entrar na estação Firenze Campo di Marte. Para saciar minha angústia, lá estava ela sentada no mesmo banco, cabisbaixa e trajando a mesma roupa. Rapidamente peguei o celular e registrei uma foto dela. A moça não percebeu que foi clicada, pois seu olhar parado e fixo refletiam apenas solidão e tristeza. Quando o trem novamente começa a movimentar-se, para minha surpresa, ela ergue o rosto e seus olhos encontram os meus como se fossem puxados por um ímã. E a sedução de olhares foi interrompida com o distanciamento do trem, que seguiu destino.

- Ela me viu e me seguiu com os olhos, como se quisesse falar algo! – Murmurei em pensamento. E desci radiante em Lucca.

No último dia do curso o que realmente me importava era ver a moça na estação. E novamente lá estava ela, no mesmo banco, com a mesma roupa e cabisbaixa. Desta vez, não hesitei, ao parar o trem me levantei e desci, pois precisava

conhecê-la. Para atravessar ao outro lado da estação era possível por um túnel subterrâneo e caminhei o mais rápido que pude. Subindo ofegante e nervoso os degraus, para a minha surpresa, eis que o banco estava vazio.

- Não! – Meu grito chamou a atenção das pessoas. Nenhum trem chegou deste lado, para onde ela foi? E comecei a andar por ali, a vasculhar cada pedaço do local. Com o passo rápido fui procurá-la pelas imediações, e nada, ela simplesmente desapareceu! Comecei a mostrar a foto do celular e a perguntar sobre a moça, mas ninguém a tinha visto caminhando por ali. Perguntei para alguns taxistas, no ponto de ônibus e nada. Frustrado, retornei à estação, pegaria o trem para Firenze, deixando o curso de lado.

No hotel, meu pensamento me consumia e minha cabeça não parava de pensar na garota. Minha agitação e nervoso me tirou o sono. Fui até a recepção pedir ajuda na impressão da foto; fiz um cartaz: procura-se.

Retornei no mesmo horário na estação decidido a encontrá-la. Ao descer do trem, e ver o banco vazio, perambulei na ânsia de vê-la chegar, mas nada aconteceu. Depois de duas horas de espera, resolvi colocar o cartaz em uma das pilastras da estação e retornei ao

banco. Com os olhos fixos no vazio da solidão, uma jovem se aproxima e senta-se a meu lado. Ela me toca o braço, me tirando do transe.

- Ei, vi que você colocou um cartaz - disse ela.

- E então, você conhece a jovem da foto? – Perguntei-lhe com um sorriso no rosto.

- Bem, é justamente sobre isso que vim perguntar-lhe, agora sei que você procura por uma mulher – disse ela.

- Como assim, a foto, você não viu a garota nela? – Questionei-lhe, já com outro tom de voz.

- Não tem ninguém no cartaz além deste banco – disse ela levantando-se e partindo chateada pela grosseria.

Corri desesperadamente sem acreditar numa palavra se quer do que ouvi. Ao me aproximar da pilastra, esfreguei meus olhos e me amparei para não cair ao chão, pois a jovem tinha razão, não havia nada além do banco na foto. Arranquei o cartaz da parede e ao me virar, a moça estava atrás de mim e fez um sinal para que eu me sentasse.

- Quando vi que você se levantou correndo vim para cá, pois sabia que você ficaria perdido – disse ela.

- Não compreendo – e procurei no celular a foto da moça do banco. – Aqui está, veja – e mostrei-lhe a foto.

- Veja você com calma – disse ela. – Não tem nada além do banco, entregando-me o telefone.

E ela tinha razão, o banco estava vazio.

- Tudo não passou de ilusão, disse-me ela. – Nossa mente nos prega peças quando nos sentimos solitários e frágeis e a ânsia em conhecermos outra pessoa, em nos relacionarmos pode ter ocasionado tudo isso. Acho que o seu íntimo se projetou em alguém solitário como você. – Disse a moça, levantando-se para partir.

- Por favor, vamos conversar mais um pouco – insisti.

- Tenho compromisso e preciso pegar o trem para Firenze. – Mas se você quiser me acompanhar...

Retornei com ela. Fomos conversando e aos poucos me acalmei. Contei-lhe sobre meu problema em ter amigos, em me relacionar e ela me compreendeu. Por compaixão ou não, acabamos fazendo amizade e até o término de minhas férias nos vimos muitas vezes. Como sou estudioso em arte, Vittoria me levou a um lugar fantástico, o Palácio Pitti, o mais imponente da cidade, que contém museus e galerias de grande interesse e o belíssimo Jardim de Boboli, exemplo típico de jardim à italiana. E assim, a intelectual e graciosa jovem foi me apresentando as belezas de sua cidade, que me

encantaram por completo, tanto a alma como o coração.

De volta ao Brasil, a confiança em mim mesmo tinha melhorado, não por completo, como eu gostaria, mas me sentindo melhor a tal ponto, que deixei com Vittoria um convite por escrito num lindo cartão a sua vinda ao Brasil nas férias, proposta que ela felicíssima não conseguiu rejeitar.

E vocês devem estar se perguntando que fim levou a foto, não é? Eu a enviei para o

laboratório de revelação para enquadrá-la.

Peguei um martelo e prego e levei o quadrinho para meu quarto. Desembrulhei o pacote com cuidado e o pendurei. Ao olhar para a foto, um grito agudo saiu de minha garganta, assim como deixei cair ao chão o martelo. Para a minha surpresa, o banco da estação de trem não estava vazio.

Fui escorregando pela parede, ao perceber, que era eu sentado nele.

Miriam Santiago é jornalista e atua em assessoria de Comunicação, e desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Além de contos, escreve crônicas, niconos e nanocontos. Publica mensalmente na Conexão Literatura. Possui blog cultural sobre livros, eventos e antologias, entre outros. Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com>.

Acordou macambúzia naquela manhã chuvosa. Espreguiçou-se até estralar os ossos das costas. Olhou para forro branco sem pensar muito. Virou-se na cama duas ou três vezes, mais uma esticada no corpo até que enfim se levantou. As ações seguintes transcorreram como de costume, embora aquela quinta-feira não fosse um dia comum. Começou a se despir para o banho, antes, porém, pôs o pó e a água na cafeteira e os pães na assadeira. Pronto o desjejum, foi em direção ao chuveiro. Recuou um pouco quando a gélida água tocou seu corpo, arrepiando-lhe os mamilos e os pelos das coxas. Pegou duas toalhas que lhe serviram de abrigo. Uma cobria-lhe o corpo ainda reluzente, embora a passagem do tempo já se fizesse em muitos aspectos latentes, enquanto a outra

retirava o excesso de umidade das finas madeixas tingidas de preto.

No caminho ao trabalho, veio-lhe imagens dos seus primeiros aniversários. A ansiedade da véspera, a preparação da mesa, o clima de confetes no rosto das pessoas, as guloseimas que despertavam a gula antes mesmo de preparadas. Fechou os olhos sem juntar os cílios e quase que pôde sentir o gosto bom do brigadeiro grudado na panela.

“Mamãe, posso lamber a massa do bolo?”.

As crianças se divertiam livremente. Tão livremente como nunca mais fariam. As músicas infantis mal eram audíveis dadas às gargalhadas e a correria da criançada. Ela, entusiasmada, contentava-se a cada recusa da mãe que lhe censurava a abertura dos presentes.

“Menina, não. É feio abrir os presentes antes do fim da festa”.

Veza por outra, às escondidas, ia até a cama do quarto no qual estavam os mimos e rasgava as pontinhas dos embrulhos a fim de adivinhar os agrados. Mas, a cada barulho mais intenso ou a cada timbre de sua mãe, ela recuava os instintos, retornando à festa.

De repente, voltou para si quanto a uma freada brusca que fizera ao perceber o semáforo apagado. Hesitou um pouco, prosseguindo em seguida em marcha lenta. Feliz aniversário, dizia para si como se quisesse confirmar que era realmente feliz.

“Feliz aniversário, minha filha. Tem de apagar as velinhas”.

“E não se esqueça de fazer um pedido, mocinha”, gritou sua avó materna com o fiapo de voz que lhe restava.

Feliz aniversário.

As luzes do semáforo a distraíram. Olhava a luz vermelha do painel como se desejasse que com os olhos acelerassem os instantes do tempo.

Verde verde verde...

À mesa de trabalho, ela se concentrava nos textos que vinham.

A cada sentença, observava algum possível desvio gramatical. Encucava com as vírgulas e com as crases que constantemente eram alvos de suas reclamações. Naquele dia, chegaram mais matérias que o normal. Mas, não reclamou. Queria mesmo ocupar a mente que há muito andava absorta nas vésperas. Principalmente naquele dia. Aquela quinta-feira.

Feliz aniversário?

Não. Não mais. Muito diferente de alguns anos antes. Casa cheia, enfeites de bolas coloridas nas paredes e nas grades do apartamento. Salgadinhos e coquetéis. Às crianças das amigas, oferecia refrigerantes diversos e bolos. Sim. Muito diferente. Antes era feliz aniversário.

Ela, porém, nem ao menos se lamentava. Acostumou-se com o tempo. Embora, abatesse uma tristeza profunda na proximidade do aniversário. As lembranças lhe perturbavam, enchendo seu peito de uma saudade impossível de ser saciada.

Ao voltar, percorreu o mesmo trajeto de sempre, alterando apenas uma parada em confeitaria para buscar uma encomenda e seguiu

direto para seu apartamento. O elevador demorou mais que de costume ou o seu estado alterara sua percepção do tempo. Enfim, veio. Saltou no sexto andar e rapidamente retirou as chaves da bolsa preta de couro. Mal entrou, sentiu um aperto. Parou por instantes como se não soubesse o que fazer. Em seguida, retirou o bolo que havia comprado na padaria e ajustou na mesinha do centro de sala onde estavam dispostas fotografias diversas.

Sentou no sofá e abriu uma cerveja belga que buscara na geladeira. Como que mecanicamente, folheou o jornal do dia sem prestar muita atenção. Na verdade, tentava em

vão evitar o óbvio. Tomaria em minutos as fotografias para si. Tomou-as. Chorou copiosamente ao se deparar com as fotografias que tanto evitava, embora sempre olhasse naqueles dias. Os cabelinhos loirinhos e o sorriso no rosto mostravam a menina feliz. Esboçou um riso ao ver outra foto na qual aquela menina havia se lambuzado com recheio do bolo de chocolate da última festa de aniversário.

Olhou o verso no qual estava datado e escrito com tinta azul:

Feliz aniversário, minha filha.

Fechou os olhos e lembrou-se da filha morta no dia do seu aniversário.

Nunca mais teria feliz aniversário.

Helder Felix de Souza Júnior nasceu em Fortaleza. O autor escreve contos, crônicas, poemas, fábulas, dentre outros gêneros. Teve vários textos publicados em revistas e alguns textos publicados em antologias. Autor de *Batons*, *Eucaliptos* e *Aspirinas* (poesia) que está prestes a ser publicado. E-mail: juniorrisso.felix@gmail.com.

ANTES QUE A INSPIRAÇÃO ACABE

por Amanda Leonardi
CONTO

"Sei que vou morrer logo e isso me parece estranho. Sou egoísta, gostaria de continuar a escrever mais palavras, isso me dá um brilho, me joga no ar dourado." Charles Bukowski

Anne Poe era poeta, mas somente escrevia quando a inspiração surgia, vindo repentinamente, a envolvia e a alçava a vãos ébrios e resplandecentes. O que não ocorria todos os dias, mas tudo bem, ser poeta é assim, pensava Anne, é receber inspiração quando ela vem, é ser uma espécie de super-herói que recebe uma benção divina a qual a torna capaz de enxergar as musas da poesia, que trazem rimas mágicas vindas do mais elevado andar do palácio dos céus literários. É como beber do licor dourado dos deuses e se embriagar nas palavras. Talvez ela não pensasse exatamente nestes termos, não bem com essas palavras, mas era bem isso o que ela acreditava. Por esse motivo, quase nunca escrevia. Afinal, ser poeta

não é escrever, mas esperar pela inspiração, ou era isso que Anne pensava.

Portanto, dia após dia, semana após semana, mês após mês, Anne esperava a maldita inspiração voltar, como uma criança espera o papai Noel ou o coelhinho da páscoa. Ela havia sido visitada pela lendária inspiração algumas vezes, nas quais produzira sonetos gloriosos, repletos de rimas ricas e metáforas inovadoras, um dos quais até lhe garantiu o primeiro lugar em um concurso local de poesia, fazendo assim com que Anne sentisse que tinha, sim, a habilidade da escrita; no entanto, não por vontade própria, somente quando visitada pela “fadinha da inspiração”, como ela a chamava, brincando, quando comentava com os amigos sobre

porque não escrevia mais. E essa maldita criatura não voltava já fazia meses.

Quando fazia quase um ano que Anne não conseguia por no papel verso algum, a jovem poeta começou a ter sonhos com sua próxima obra. A princípio, ela não se atrevia a por no papel, pois os versos com os quais sonhava pareciam grandiosos por demais, maiores do que ela mesma ou do que sua capacidade de escrita. Além disso, eram muitos versos, não formavam somente um soneto, mas uma narrativa épica em versos no estilo a Odisséia.

Os sonhos eram pesadelos, os quais contavam sobre uma história cruel, sangrenta, sobre vidas que caíam uma por uma, estilhaçadas umas pelas outras, homens e mulheres e crianças envoltos em rios de sangue que fluíam para fora de suas veias e se misturavam em um oceano de morte e membros despedaçados em uma tenebrosa guerra que poria fim a tudo o que conhecemos. Por sobre o sangue derramado nas cenas dos sonhos, Anne via a luz da inspiração, uma trêmula luz azul, como se fosse mesmo a fada, a lhe

revelar tais tragédias para que lhe servissem de tema para versos.

Após esses sonhos, Anne acordava a suar frio todas as noites e, ainda tremendo, buscava um bloco na gaveta da mesa de luz e uma caneta, mas não tinha coragem de escrever seus versos. Sua mão tremia ao tentar iniciar a primeira letra, tremia tanto ao ponto de a caneta cair de sua mão. Os pesadelos foram frequentes por mais ou menos uma semana, até que, após tomar coragem e tentar muitas vezes, ela conseguiu por o primeiro verso no papel: um verso simples, sem vida, envolto em silêncio e cheio de medo.

Depois desse verso, os pesadelos pararam e Anne ficou a esperar a volta da inspiração. Que levaria então mais de um ano para retornar. Ela sentia algo em si gritar, um silêncio ensurdecedor que ansiava pela busca de algo desconhecido, intrincado em palavras, mas ela não se atrevia adentrá-las, não sem a luz da inspiração para lhe mostrar o caminho. Uma luz que nunca se acendia.

Até que um dia, a luz se acendeu. Porém, não antes de a luz nos olhos de Anne se apagar para sempre. A

jovem poeta, já sem esperanças de conseguir escrever outro poema, havia começado a beber. Buscava na bebida inspiração ou qualquer coisa que se parecesse com isso mas, como nunca a encontrava, continuava a beber por consolo. E se intoxicara nesse consolo o suficiente para que quando a inspiração finalmente retornou, mais forte e brilhante do que nunca, ela já não tinha mais muito controle de si para alcançá-la. Ela misturara bebidas e outras substâncias o suficiente para ver a trêmula luz

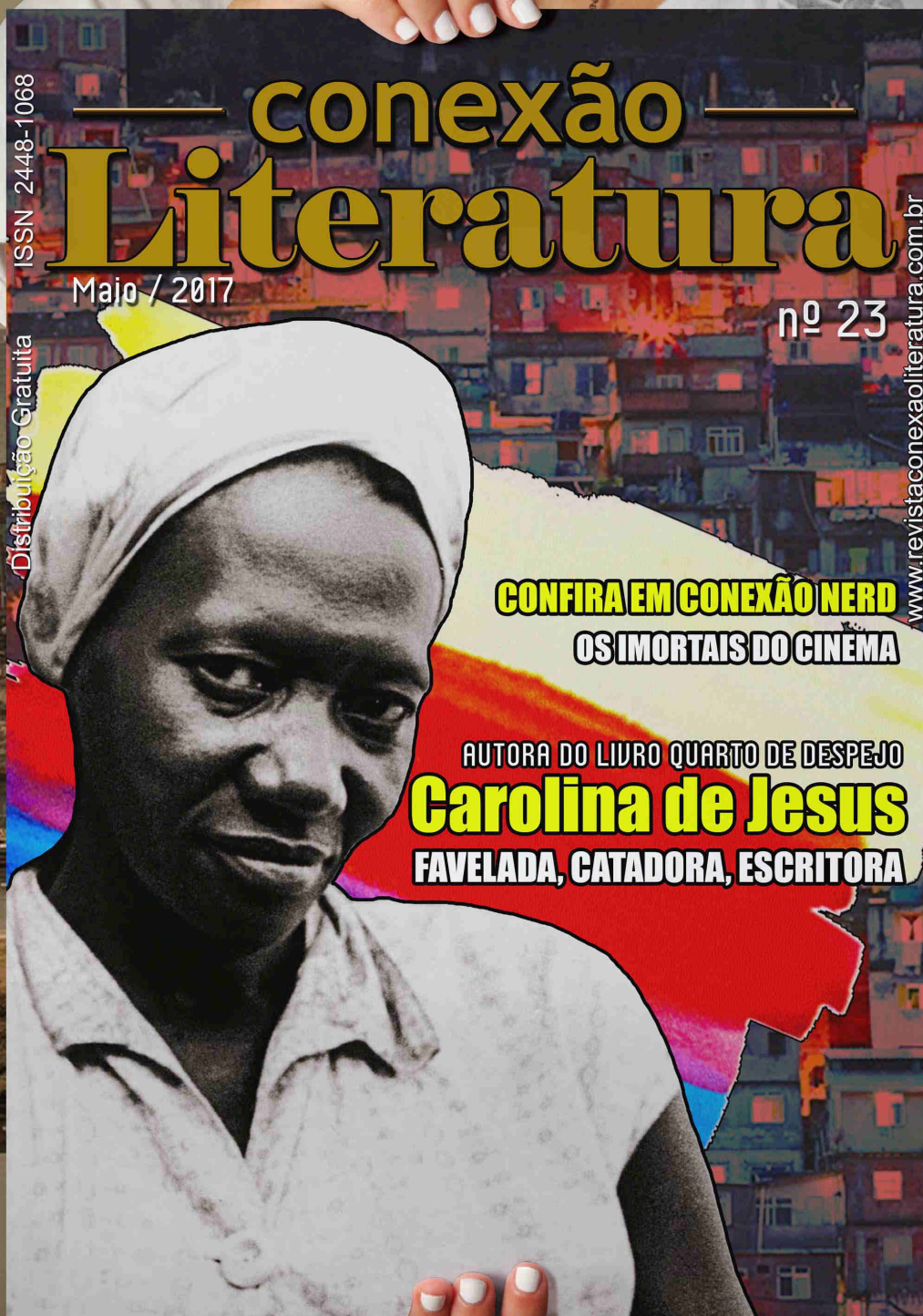
azul da fada da inspiração do outro lado da rua, em frente ao bar do qual saía. Focada na luz da inspiração a brilhar forte e a incendiar sua existência, Anne atravessou a rua correndo, sem ver que um caminhão vinha em sua direção.

Seus últimos versos teriam sido belos, mas foram somente linhas de sangue no asfalto, linhas que contornavam um cadáver desfigurado. A inspiração voltou tarde demais.

Amanda Leonardi, nascida em Porto Alegre, em 23 de agosto de 1991. Escritora e tradutora, escreve para os sites Literatortura e Indique um livro, participou das antologias Estrada para o Inferno, da editora Argonautas, King Edgar Hotel, Legado de Sangue e Horas Sombrias da editora Andross, As Quatro Estações, da editora Multifoco, do ebook Contos de Terror, da Fábrica de Ebooks e organizou a antologia online A Taverna do Amontillado, publicada pela plataforma de e-books Wattpad.

Saiba como participar
da próxima edição de
Conexão Literatura

CLIQUE AQUI



ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

conexão Literatura

Majo / 2017

nº 23

**CONFIRA EM CONEXÃO NERD
OS IMORTAIS DO CINEMA**

AUTORA DO LIVRO QUARTO DE DESPEJO

Carolina de Jesus

FAVELADA, CATADORA, ESCRITORA

www.revistaconexao-literatura.com.br